

## DONDE VEM A AMEAÇA À SOCIEDADE OCIDENTAL II

Terminei o artigo anterior, sob o mesmo título, com a expressão de Oscar Wilde de que a maioria das pessoas apenas existe. Volto ao tema porque um amigo lembrou-me que, em artigos anteriores, eu já teria argumentado que a maioria das pessoas é seguidora, sendo líder uma minoria, pelo que deveria esclarecer melhor o seu conteúdo. Procurarei fazê-lo recorrendo a algumas reflexões sobre assuntos do nosso quotidiano que me provocam perplexidades que, de acordo com Y. Harari, revela humildade, lucidez: pretende compreender o que se passa. Farei antes um enquadramento conceptual recorrendo a uma leitura antiga que me parece adequada.

Escrevia Ortega y Gasset (*in La Rebelión de las Masas*, Prólogo para Franceses), a propósito do tema, que a sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois factores: minorias e massas, sendo aquelas constituídas por indivíduos, ou grupos de indivíduos especialmente qualificados [...] devendo entender-se por massa o «homem médio» [...] para formar uma minoria, seja qual for, é preciso que antes cada um se separe da multidão por razões especiais, relativamente individuais. Avançando no tema, o autor esclarece (agora, no original) que *“imagínese un hombre humilde que al intentarse valorarse por razones especiales – al preguntarse si tiene talento para esto o lo otro, si sobresale en algún orden –, advierte que no posee ninguna cualidad excelente. Este hombre se sentirá mediocre y vulgar, mal dotado; pero no se sentirá «masa». Cuando se habla de «minorías selectas», la habitual bellaquería suele tergiversar el sentido de esta expresión fingiendo ignorar que el hombre selecto no es el petulante que se cree superior a los demás, sino el que se exige más que los demás, aunque no logre cumplir en su persona esas exigencias superiores. [...] La división de la sociedad en masas y minorías excelentes no es, por lo tanto, una división de clases sociales, sino de clases de hombres... en rigor, dentro de cada clase social hay masa y minoría auténtica”*.

Se a maioria não fosse seguidora, as modas, ou as tentativas de as produzir, não existiriam.

Assim, os líderes – os que conduzem – são minorias, mas não necessariamente especialmente qualificadas. De facto, algumas, por uma qualquer razão, representam uma qualquer tendência que, por norma, consideram moderna, diferente de algo que é familiar que, portanto, há que alterar, esperando que tal lhes granjeie o apoio de maiorias, ou de minorias que lhes interesse.

Assim, seja por “especialização”, seja por oportunismo, seja para fazer diferente, surgem minorias que, julgando interpretar o sentido do tempo se antecipam, agindo, colocando rótulos, marcando posições visando silenciar outras minorias que, se despertadas, terão de reagir ficando logo negativamente catalogadas. Quando esta reacção se verifica, poderá ocorrer adaptação, mas esta será sempre mais influenciada pela acção. Outras vezes, esta reacção consegue, com grande custo, ultrapassar as dificuldades e marcar posição. Acredito que é o que estamos a assistir em várias áreas geográficas. Por isso é sempre mais produtivo agir do que reagir.

## RENÉ CORDEIRO

ECONOMISTA

[redecordeiro@strategypi.com](mailto:redecordeiro@strategypi.com)

[www.strategypi.com](http://www.strategypi.com)

Tenho para mim que a clareza dos conceitos é imprescindível porque antecede a acção. [É óbvio que há quem possa pensar que pode inverter a ordem dos factores, agindo primeiro (porquê? para quê?), encapsulando depois a acção num conceito existente, ou inventar um (aumentando a confusão)].

Quando tal não acontece, somos confrontados com uma série de conceitos no nosso quotidiano que nos (me) confunde. Exemplificando: o que se diz liberal não é bem visto; mas o conceito é claramente entendido? O seu oposto (socialista, colectivista) é bem visto. Será? Mas, em princípio, *todos* serão democratas porque integrados e usufruindo de um sistema que atribui à liberdade do individuo a responsabilidade de opção através de voto. O que sugere algum grau de liberalismo. Que é genuíno ou circunstancial? Aparece então uma solução “social-democrata” que procura aproveitar o melhor de ambos os conceitos. Mas chega? Não, porque também surgem três áreas (direita, centro e esquerda) que se matizam, originando sete subáreas (extrema para a primeira e a última e direita e esquerda para a área do meio). Talvez por isso, Ortega Y Gasset recorda que o título da obra de Spencer “O Individuo contra o Estado” não significa oposição mas que, sendo estes dois órgãos do mesmo sujeito – a sociedade – o que nela se discute é quais as necessidades sociais que são melhor (e aqui há que estabelecer critérios, métricas) servidas por um ou por outro órgão. Ortega Y Gasset, que não viveu os tempos que hoje vivemos, já dizia, na fonte acima citada, que *“ser de la izquierda es, como ser de la derecha, una de las infinitas maneras que el hombre puede elegir para ser un imbécil: ambas, en efecto, son formas de hemiplejía moral. Además, la persistencia de estos calificativos contribuye no poco a falsificar más aún la «realidad» del presente, ya falsa de por sí, porque se ha rizado el rizo de las experiencias políticas a que responden, como demuestra el hecho de que hoy las derechas prometen revoluciones y las izquierdas proponen tiranías. [...] Cuando alguien nos pregunta qué somos en política o, anticipándose con la insolencia que pertenece al estilo de nuestro tiempo, nos adscribe a una, en vez de responder, debemos preguntar al impertinente qué piensa él que es el hombre y la naturaleza y la historia, qué es la sociedad y el individuo, la colectividad, el Estado, el uso, el derecho. La política se apresura a apagar las luces para que todos estos gatos resulten pardos.”*

Por isso, as ditas esquerdas apresentam-se sempre de forma a serem percebidas (numa época em que o continente é mais relevante que o conteúdo, tal é adequado) como amigas dos demais (a maioria), preocupada com os demais (a maioria), solidárias com os demais (a maioria), benfeitoras dos demais (a maioria), ou protectoras de minorias, encostando as ditas direitas à percepção de inimigos dos demais (a maioria), despreocupados com os demais (a maioria), exploradores dos demais (a maioria), indiferentes a minorias ...

Até há palavras que parece serem exclusivas destas ditas direitas – competitividade, produtividade, disciplina, exigência, mérito – e que àquelas ditas esquerdas nunca se ouvem. E não encerram elas conceitos determinantes para o desenvolvimento da sociedade? Consequentemente, devo concluir que assim procedem porque tal é popular, logo estas ditas esquerdas são populistas. (Dos exemplos de assuntos que vou expor, este conceito de populismo é o que me provoca mais perplexidade).

Mas o resultado é confundirem o voluntarismo dos seus desejos com o que é viável, assim pretendendo obter audiências expressivas sem permitir à sociedade a avaliação da probabilidade de sucesso dos resultados a longo prazo das suas propostas. Mas tal acontece porquê? Por ignorância? Por serem contra a concorrência, a produção ou a competência individual?

Estas diferenças entre as ditas esquerdas e as ditas direitas não teria muita importância se as respectivas abordagens fossem simultâneas, se complementassem, tal como ocorre quando uma mulher e um homem se acasalam: complementam-se por forma a tirarem vantagem dos seus objectivos comuns, ultrapassando eventuais diferenças que a situação por que optaram e o seu trabalho para a manter recomenda. Mas na política não existe esta simultaneidade no exercício do poder. O que se verifica, num tempo, é uma abordagem que facilita, que gasta mais do que pode e, noutro tempo, outra abordagem que, já não podendo fazer o mesmo, corta nas despesas. Qual destas abordagens é populista?

Bem sei que a maioria dos leitores, ou espectadores de TV, ou ouvintes de rádio, não abordam as notícias com preocupação de absorção de factos, experienciando-as antes, visceralmente, como dramas com os seus vilões, heróis e histórias picantes ou provocadoras dos seus instintos, sendo este, a propósito, o foco principal das redes sociais. Esta abordagem é a que traz audiências, não é verdade? Assim sendo, o propósito destes “canais informativos” não é promover a construção de conhecimento, mas a vulgarização que fomenta a visibilidade. Efectivamente, tudo serve como entretenimento vazio de assunto que conduza as pessoas a terem de pensar (dá trabalho, exige esforço). Há que reconhecer que este processo produz influências negativas.

Mas como é que as pessoas “abrem os olhos”? Com informação, ou com conhecimento? Se é com este, ainda que considerando o acima descrito como realidade do nosso tempo, arrisco-me a dizer que seria produtivo que, como contributo para a estruturação do conhecimento das pessoas que constituem a maioria visando o seu correcto esclarecimento, deixássemos de utilizar a facilidade dos rótulos “esquerda, centro, direita” e os seus apêndices e passássemos a utilizar designações mais claras e focalizadas em factos e, conseqüentemente, na explicação das causas (da necessidade) de medidas e dos efeitos desejados destas, com indicação do quando da sua produção, sem iludir os efeitos indesejados. Numa época dominada pelas redes sociais com informação abundante, desmedida, tal ajudar-nos-ia a encontrar a fortaleza de espírito que nos permitisse julgar e decidir com base em conhecimento (cruzando informação factual, organizando ideias, associando comportamentos) com minimização das influências dos filtros dos rótulos. É claro que, assim, a informação traria conteúdos. Não formas, aparências, ficções. Porque o assunto político é sério, influenciando a economia cujo desempenho é estruturante do desenvolvimento da sociedade.

Só assim, creio, a maioria poderia optar por um futuro desejado, que não fosse o presente de hoje, com a consciência de que este poderá não ser tão bom quanto se desejaria, mas assegurando que tal não põe em causa o amanhã que também tem de ser bom.

Por estas razões, os partidos políticos, os governos, não podem deixar de ser populistas. Retiro, das várias definições desta expressão, de diferentes fontes, um sentido comum: derivando o populismo

## RENÉ CORDEIRO

ECONOMISTA

[renecordeiro@strategypi.com](mailto:renecordeiro@strategypi.com)

[www.strategypi.com](http://www.strategypi.com)

do que é popular, isto é, do que é do agrado do povo, das massas, ele é uma doutrina ou uma prática que visa obter apoio popular a certas medidas, propostas, a elas favoráveis: do seu agrado. Logo, todas as medidas de aumento de salários, de pensões, de redução de horas de trabalho são populistas. Todavia, não são assim consideradas, o que me surpreende. Porque, por exemplo, são considerados populistas os partidos/governos que visam restringir os movimentos migratórios ilegais. Se aqueles são populistas é porque agradarão às massas – à maioria. Se não agradam, por que são assim considerados?

Alheando-nos, racionalmente, das causas atribuídas aos movimentos migratórios que têm ocorrido ultimamente (algumas causas não facilitam o alheamento, porque nos afectam emocionalmente) – guerras, melhoria das condições de vida, procura de mais espaço, ... – verificamos que a História nos ensina que elas sempre existiram. E que, fosse por miscigenação pacífica, fosse por exercício de poder, fosse por procura de mecanismos de inclusão, ou de mecanismos de exclusão, quando o número de imigrantes atingia o nível em que podia inverter, por em causa, os costumes da região receptora, desencadeava-se a resistência aos movimentos. E bem sabemos de casos em que a resistência foi tardia, já não impedindo o que se queria evitar. Porque os factores determinantes do desequilíbrio da cultura existente na região receptora dos imigrantes são, a quantidade (o número de imigrantes), a intensidade do ritmo com que esta ocorre e a utilidade que a sociedade receptora reconhece aos que chegam às suas casas. E tal nada tem que ver com valores, religiosos ou outros. São factos – causas – que conduzem a efeitos historicamente conhecidos. Ouvi recentemente uma notícia que indicava a redução, na UE, do número de imigrantes de 2.000.000, em 2017, para 100.000 em 2018. Qual a razão? Redução das causas existentes em 2017, ou a resistência de alguns governos da UE aos movimentos migratórios? Se esta foi a causa, então essa resistência foi populista.

Uma das justificações que ouço para a necessidade de acolher imigrantes decorre da baixa taxa de natalidade, justificação a que é dada grande difusão. E porque não se dará a mesma, desejavelmente maior, difusão a medidas de promoção da natalidade como as de que o Município de Boticas é exemplo? Certamente que os autóctones aplaudiriam tais medidas, que seriam, assim, populistas. Ouvi recentemente uma dirigente sindical da função pública afirmar que seria aceitável um prémio de risco igual para todos os funcionários públicos. Mas prémios de desempenho não, porque divide os trabalhadores. Portanto, todos os funcionários públicos estão sujeitos ao mesmo risco profissional e todos têm o mesmo desempenho. Se a ideia agrada à maioria dos funcionários públicos, é populista.

A questão do salário mínimo nacional. Não discuto se o valor de 600€ é justo. O que afirmo é que é uma falácia. Todos os encargos que suportamos são reportados a 12 meses (o conteúdo do ano). Os orçamentos das empresas e das famílias tomam em consideração a dimensão do ano (12 meses). As comparações internacionais dos SMN são na base de 12 meses. Portanto, sendo o salário mínimo anual de 8.400€, o SMN mensal é de 700€. Se, por absurdo, o Estado decidisse pagar os salários em 16 meses, isto é, complementar o salário mensal de 12 meses com 4 meses adicionais para resultar num salário mínimo anual de 8.400€, o SMN mensal resultante seria inferior a 600€!

## RENÉ CORDEIRO

ECONOMISTA

[redecordeiro@strategypi.com](mailto:redecordeiro@strategypi.com)

[www.strategypi.com](http://www.strategypi.com)

Ouçõ responsáveis políticos e meios de comunicação referirem-se à Uber e sucedâneos como plataformas electrónicas de passageiros. Então estes são transportados em plataformas electrónicas? Por que não utilizar o termo correcto de que estas são empresas de transporte de passageiros (são assim juridicamente constituídas, segundo creio), em que o serviço é activado a partir de uma aplicação electrónica especifica no telemóvel do utilizador do transporte e outra no telemóvel do motorista que o fornece. Se alguma empresa de táxis existente utilizar uma aplicação semelhante passará a designar-se também por plataforma de transporte de passageiros? Afinal de contas, ressalvando as diferenças tecnológicas envolvidas, a disponibilização pela Rádio Táxis de activação do serviço de transporte pelo telefone teve o mesmo efeito, não é verdade? Por que será que a embriaguez do digital conduz as pessoas a esta confusão de conceitos?

A globalização (livre comércio, à escala planetária, sem fronteiras) é um conceito do âmbito da economia, concretamente da Procura pela possibilidade, facilidade e instantaneidade com que esta passou a ter conhecimento do produto e das condições da sua aquisição, a que a Oferta responde com a deslocalização de operações em busca de soluções cada vez mais eficientes. O processo trouxe, e traz, indiscutivelmente, vantagens, ao menos durante algum tempo, aos compradores, deu trabalho a milhões de pessoas em resultado da deslocalização dessas operações, e retirou/retira trabalho a outras pessoas em resultado do mesmo movimento.

E há quem queira que o fenómeno da globalização seja também político. Mas creio que todas as pessoas que têm consciência dos seus efeitos a rejeitam. Curiosamente, os maiores defensores da independência da Catalunha são dos maiores defensores da globalização política!

Li há tempo, de Henry Kissinger, em *On China*, que Deng Xiaoping terá dito no Congresso do Povo, ao arrancar com o processo de modernização económica, que o (desejo de) lucro faz parte da natureza humana.

Acredito que o ser humano é, por natureza, conservador, independentemente das circunstâncias. Pessoalmente, revejo-me na definição de Bismarck: *Sou conservador; e para o ser, tenho de conservar algo; e para conservar algo, tenho de reformar a tempo*. E a clareza de conceitos será certamente de grande ajuda, porque já o é na vertente económica.